



● MÁRIO OLIVEIRA

“A nossa luta foi colectiva e a vitória de dimensão continental”

Titular da pasta do MINTTICS revelou que a organização do evento se enquadra nas celebrações alusivas aos 50 anos da Independência Nacional



50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA NACIONAL
REPÚBLICA DE ANGOLA
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O PAPEL DOS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE NA LIBERTAÇÃO TOTAL DA

Paulo Caculo

A CONFERÊNCIA Internacional sobre o Papel dos Países da Linha da Frente na Libertação Total da África Austral representou um tributo ao passado e um chamado à consciência colectiva para o futuro, afirmou, ontem, o ministro das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social (MINTTICS), Mário Oliveira.

Ao proceder à abertura do mediático evento, que juntou no Centro de Convenções de Talatona várias personalidades da política internacional, entre os quais o antigo Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, o ministro justificou a realização da Conferência à necessidade de destacar o desempenho heroico e transformador dos países da Linha da Frente na libertação da África Austral do jugo do apartheid e do colonialismo e o grande papel que a Batalha do Cuito Cuanavale desempenhou naquele processo libertador.

“Neste ano, que nos preparamos para comemorar efusivamente os 50 anos da nossa Independência Nacional, reunimos-nos nesta Conferência para não só prestarmos um tributo ao passado, mas um chamado à consciência colectiva e com ele olharmos para o nosso futuro”, disse.

Mário Oliveira considerou o acto uma celebração de coragem dos povos e líderes que, na década de 60, 70, 80 e 90, desafiaram a opressão e o apartheid e escreveram com sangue, suor e lágrimas um dos capítulos mais nobres da história comum.

A Conferência, de acordo com o ministro, serviu, ainda, de espaço não só de memórias, mas de “laboratório de ideias para a África que queremos, unida, soberana, justa e desenvolvida”, enfatizando que foram por esses valores que

os verdadeiros filhos do continente lutaram heroicamente.

“Pretendemos honrar e homenagear todos quantos se bateram, dando a sua própria vida pela libertação dos povos da região e entendemos que a melhor forma de prosseguir a luta por eles iniciada deve ser o nosso engajamento na luta pelo desenvolvimento social e económico dos nossos países. Honra e glória aos nossos heróis”, exaltou Mário Oliveira.

APOIO LOGÍSTICO AOS MOVIMENTOS

Enquanto a África do Sul afundava nas sombras do apartheid, acenou o titular da pasta do MINTTICS, nações como Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia, Botswana e Zimbabwe tornaram-se bastiões da resistência, oferecendo solidariedade, acolhimento, treinamento e apoio logístico aos movimentos de libertação do continente, em particular da região.

“Pagamos com isso um preço alto, vidas perdidas, economias desestabilizadas, infra-estruturas destruídas, mas jamais recuámos, porque a nossa luta era justa e acreditávamos na nossa vitória. A nossa luta foi colectiva e a nossa vitória de dimensão continental”, assegurou Mário Oliveira, para quem não se pode falar sobre esta vitória sem reconhecer os aliados que marcharam ao “nosso lado”.

O ministro reconheceu o apoio de Cuba, cujos combatentes escreveram epopeias gloriosas, como a Batalha do Cuito Cuanavale e outras, mas também da antiga União Soviética, pelo apoio estratégico fornecido “quando o mundo nos virou as costas”, sem esquecer a solidariedade africana.

“Que as nossas vozes hoje reacendam em nós o fogo do pan-africanismo e a urgência de defender a verdadeira história, história essa escrita por valorosos

combatentes pela liberdade e que não pode ser deturpada”, referiu, sustentando que foi graças à liderança de todos os líderes dos países que se constituíram na Linha da Frente, entre os quais Joaquim Chissano, que se moldou o passado e se inspirou o futuro da região e das gerações.

Ao general cubano Leopoldo Cintra Frías, o ministro Mário Oliveira considerou a presença na Conferência um exemplo de “testemunho vivo da irmandade revolucionária e do grande contributo de Cuba para a libertação da África Austral e do continente africano em geral.

“Aos valorosos combatentes do Cuito Cuanavale, o nosso respeito e admiração pelo feito heroico. A nação reconhece”, exaltou o ministro, para em seguida acrescentar que a libertação política foi apenas o primeiro passo, tendo admitido que, hoje, a região enfrenta “novas batalhas das desigualdades económicas, do desenvolvimento e da fragmentação dos povos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a sessão de encerramento da Conferência Internacional, o ministro Mário Oliveira agradeceu aos participantes e assegurou que mais eventos semelhantes podem ser realizados no futuro, para ajudar a debater sobre outros momentos históricos de Angola e da região.

Mário Oliveira afirmou que Angola tem uma “história vasta e muito rica”, cujo compromisso é de trazer para o conhecimento às gerações actuais, de modo a que saibam que o país nasceu de uma longa batalha, de sacrifícios e que ao longo dos vários percursos da sua rica história, muitos cidadãos nacionais e estrangeiros estiveram aliados para termos a Nação que hoje é Angola, preparando-a para um futuro que possa orgulhar a todos.

● PRESIDENTE DO FORÚM DOS COMBATENTES

Cuito Cuanavale é um património da região

Nilza Massango

O PRESIDENTE do Fórum dos Combatentes da Batalha do Cuito Cuanavale, general José Celestino, considerou que o Cuito Cuanavale, província do Cuando, local em que a batalha teve lugar entre 1987 e 1988, é um destino comum, livre do apartheid, que deve ser um património histórico comum de todos os povos da África Austral.

“O município do Cuito Cuanavale não é apenas um ponto no mapa do Cuando Cubango, é património histórico comum dos povos da SADC”, disse José Ferreira Galiano Celestino.

O general propôs, durante a “Conferência sobre o Papel dos Países da Linha da Frente na Libertação Total da África Austral”, promovida pelo Ministério das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social, em parceria com a Edições Novembro, que para que os sacrifícios e o sangue derramado não tenham sido em vão, os Governos dos países da região devem pugnar pela paz e democracia, pelo desenvolvimento económico e social dos seus povos. “Foi por esta razão que lutamos pela nossa integridade territorial e soberania”, disse.

Ao dirigir-se a alguns dos principais protagonistas desta relevante história, que realizaram actos de coragem, heroicidade e determinação, destacou o contributo do ex-Presidente José Eduardo dos Santos e Joaquim Chissano que, além de terem participado e contribuído, foram actores decisivos para a libertação da África Austral.

“Os factos e os intervenientes vão ficar para a posteridade, isto é, os contornos políticos, diplomáticos e militares que tiveram relevância na luta global que o mundo travou durante anos contra o apartheid, regime segregacionista que defendia a supremacia branca sobre todas as demais etnias e culturas que habitavam, não só o território sul-africano, mas, de uma forma geral, condicionavam economicamente os países da região austral do continente”, ressaltou.

O combatente das FAPLA prestou homenagem aos Estados-membros da SADC que decidiram, por unanimidade, adoptar o 23

de Março como o Dia da Libertação da África Austral. Uma merecida homenagem foi igualmente prestada aos valorosos combatentes angolanos que, com coragem e determinação, enfrentaram e venceram a “máquina de guerra racista”, exaltando também a irmandade e solidariedade entre os povos.

No seu depoimento, José Celestino destacou o antigo Presidente Agostinho Neto, quando vaticinou que Angola seria a trincheira firme da revolução em África e que na Namíbia, no Zimbábwe e na África do Sul estava a continuação da luta.

Sublinhou também que é de “legítima justiça” fazer uma alusão especial ao Presidente José Eduardo Santos, Comandante-em-Chefe na altura, que orientou e acompanhou todos os momentos da Batalha do Cuito Cuanavale.

Por outro lado, lembrou e lamentou sobre os ausentes, que perderam a vida ou ficaram mutilados e traumatizados para sempre.

Menções especiais do Fórum aos Combatentes da Batalha do Cuito Cuanavale foram também para os considerados amigos russos, “sucedeiros dos soviéticos”, que com a sua assessoria técnica ajudaram a tomar as melhores decisões.

“Neste mês de Maio, vocês também festejam 80 anos da vitória sobre o nazismo. O nosso hurra, hurra, hurra”, exaltou José Celestino, que ao mesmo tempo reconheceu o papel dos irmãos das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, que participaram activamente na Batalha ao lado das FAPLA, em que foi cimentada uma relação de sangue e de camaradagem, e que este mês também comemoraram pelos 64 anos da vitória de Playa Girón. “Pátria ou Muerte, Venceremos”, exaltou novamente.

Uma palavra de solidariedade de José Celestino foi ainda para os combatentes da SWAPO, que na Batalha de Cuito Cuanavale também estiveram ao lado de Angola.

Para José Celestino, seria uma enorme ingratidão não reconhecer e deixar de agradecer, hoje, o contributo decisivo que os mesmos deram para o fim do apartheid e para a libertação da África Austral.

